

EDITORIAL

Ciência, ética e informação na era da inteligência artificial

Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro¹

1. Conselho Regional de Medicina do Acre, Rio Branco/AC, Brasil.

Produzir ciência vai muito além de gerar conhecimento: envolve cuidar da forma como informações são organizadas, compartilhadas e preservadas e, principalmente, garantir que todo esse processo seja conduzido com responsabilidade. Nesse cenário, a aproximação entre ciência da informação e bioética deixa de ser apenas desejável e se torna essencial^{1,2}.

De um lado, a ciência da informação oferece os caminhos para que o conhecimento exista de forma estruturada: organiza dados, preserva conteúdos e amplia o acesso a informação científica^{3,4}. De outro, a bioética orienta como esse conhecimento deve ser produzido e utilizado, trazendo para o centro da discussão valores como respeito, justiça, transparência e responsabilidade¹. Quando essas áreas se encontram, fortalecem-se a qualidade e a confiabilidade da pesquisa científica.

A ética em pesquisa, que antes parecia concentrar-se apenas na condução dos estudos, hoje acompanha todo o percurso científico, inclusive a publicação⁵. Em um contexto de grande volume de dados e de crescente exigência por transparência e reprodutibilidade, tornam-se ainda mais importantes questões como privacidade, consentimento, uso adequado de informações e clareza na comunicação⁶. Não basta produzir conhecimento; é preciso garantir que ele seja compartilhado de forma ética e responsável.

A inteligência artificial amplia ainda mais esse cenário. Presente em diferentes etapas da pesquisa e das publicações científicas, traz ganhos importantes em agilidade e capacidade de análise. No entanto, também exige atenção. Algoritmos podem reproduzir vieses ou funcionar de maneira pouco transparente, o que reforça a necessidade de supervisão humana e de critérios éticos bem definidos para seu uso^{7,8}.

Nesse contexto dinâmico, a integração entre ciência da informação e bioética aponta para um caminho claro: trabalho interdisciplinar. Pesquisadores, pareceristas e editores compartilham a responsabilidade de garantir que a ciência avance com qualidade, integridade e compromisso social. Boas práticas como transparência, correta atribuição de autoria e cuidado no uso de dados são fundamentais para sustentar a confiança na produção científica⁹.

Revistas científicas têm papel central nesse processo. Ao estabelecerem políticas editoriais, orientarem autores e adotarem padrões reconhecidos, contribuem diretamente para a construção de uma ciência mais ética e confiável. Mais do que divulgar resultados, ajudam a definir como a ciência deve ser comunicada¹⁰.

É nesse espírito que o Conselho Federal de Medicina organiza o Encontro Nacional de Bibliotecários e Profissionais da Ciência da Informação, com segunda edição em 2026, visando trazer à discussão temas essenciais como preservação

digital, o papel das bibliotecas no apoio a processos de pesquisa, curadoria digital, gestão da informação e modernização, entre outros. Ao destacar como bibliotecas contribuem para a organização, o acesso e a continuidade da informação científica, o encontro reforça a importância desses profissionais no fortalecimento da produção e da comunicação do conhecimento, evidenciando que a ciência é um esforço coletivo, que depende tanto de quem produz quanto de quem organiza, preserva e dissemina o saber ¹¹.

Este editorial é um convite à reflexão. Em meio a dados, tecnologias e novas possibilidades, é fundamental lembrar que a ciência não é neutra; ela carrega valores e impactos. Integrar ciência da informação, bioética e inteligência artificial significa, acima de tudo, garantir que o avanço científico continue alinhado à ética, à transparência e ao compromisso com a sociedade.

Mais do que nunca, fazer ciência e publicá-la é um exercício de responsabilidade.

Referências

1. Beauchamp TL, Childress JF. Principles of biomedical ethics. 8^a ed. New York: Oxford University Press; 2019.
2. Floridi L. The ethics of information [Internet]. Oxford: Oxford University Press; 2013 [acesso 24 mar 2026]. DOI: 10.1093/acprof:oso/9780199641321.001.0001
3. Borko H. Information science: what is it?. Am Doc [Internet]. 1968 [acesso 24 mar 2026];19(1):3-5. DOI: 10.1002/asi.4630190106
4. Saracevic T. Information science. J Am Soc Inf Sci [Internet]. 1999 [acesso 24 mar 2026];50(12):1051-63. DOI: 10.1002/(SICI)1097-4571(1999)50:12<1051::AID-AS12>3.0.CO;2-Z
5. Resnik DB. The ethics of research with human subjects. Cham: Springer [Internet]; 2018 [acesso 24 mar 2026]. DOI: 10.1007/978-3-319-68756-8
6. Associação Médica Mundial. Declaração de Helsinque: princípios éticos para pesquisa médica envolvendo seres humanos [Internet]. 2013 [acesso 24 mar 2026]. Disponível: <https://bit.ly/4dfCbK>
7. European Commission. Ethics guidelines for trustworthy AI [Internet]. Brussels: European Commission; 2019 [acesso 24 mar 2026]. Disponível: <https://bit.ly/41t3DUi>
8. Floridi L, Cowls J, Beltrametti M, Chatila R, Chazerand P, Dignum V *et al.* AI4People: an ethical framework for a good AI society. Minds March [Internet]. 2018 [acesso 24 mar 2026];28(4):689-707. DOI: 10.1007/s11023-018-9482-5
9. Committee on Publication Ethics. Cope core practices [Internet]. London: COPE; 2019 [acesso 24 mar 2026]. Disponível: <https://bit.ly/4s2U74Z>
10. International Committee of Medical Journal Editors. Recommendations for the conduct, reporting, editing, and publication of scholarly work in medical journals [Internet]. 2023 [acesso 24 mar 2026]. Disponível: <https://bit.ly/4uTeBzQ>
11. International Federation of Library Associations and Institutions. Guidelines for digital preservation [Internet]. The Hague: IFLA; 2021 [acesso 24 mar 2026]. Disponível: <https://bit.ly/4syd4h3>

Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro – Doutora – dilza.ribeiro@portalmedico.org.br

 0000-0001-8180-4008

Disponibilidade de dados: Todos os dados utilizados ou gerados na pesquisa estão integralmente descritos e apresentados no corpo do artigo.

Editora responsável: Dilza Teresinha Ambrós Ribeiro